

Prêmio para o autor de "Os Lusíadas"

Lisboa, 23 de julho de 1572 (Urgente) — O rei d. Sebastião acaba de assinar alvará concedendo a Luis de Camões a pensão anual de 15 mil réis, por três anos, com possibilidade de vir a ser renovada após o seu término.

Este é o primeiro reconhecimento que o poeta recebe pela publicação de sua obra «Os Lusíadas», que, com justa razão, começa a ser tida como «poema da nacionalidade».

O livro foi impresso aqui mesmo em Lisboa, em casa do impressor Antônio Gonçalves, conforme adiantamos com exclusividade em nosso número anterior. E hoje, na página 2, pela primeira vez na imprensa mundial, publicamos o resumo do poema.

Bolonhês de 70 anos é o novo papa: Gregório

Roma, dezembro de 1572 (Sucursal) — Um novo papa ocupa o trono de São Pedro: Gregório XIII, antigo cardeal Ugo Buoncompagno, eleito após a morte, em maio deste ano, de Pio V, o Papa da vitória de Lepanto.

Velho bolonhês de 70 anos, o novo Papa é em muito diferente do seu antecessor, de cuja linha, parece, não será seguidor. Gregório XIII já foi casado e teve um filho, é de natureza alegre e ama a vida, tendo prosperado, antes do sacerdócio, como jurista. As maneiras muito severas o desagradam — ele não é um rigorista.

Espera-se que siga a mesma linha de Paulo IV.

Roma, dezembro (Urgente) — As últimas informações do Vaticano dão conta de que foram demitidos todos os auxiliares do antecessor de Gregório XIII e repostos em seus lugares os ministros do antigo Papa Paulo IV. (Leia, na página 3, detalhadas informações sobre a vida de Pio V).

Sardinha não lê nem escreve, mas é hábil vereador

São Paulo, 1572 (Correspondente) — Afonso Sardinha vende marmelada, empresta dinheiro a juros, tem fazendas de gado e trapiches de açúcar e é vereador desta cidade.

Seus companheiros da Câmara o consideram muito jeitoso, pois, havendo aqui dois grupos — o dos jesuítas e o dos colonos —, Sardinha não pertence a nenhum. Antigo morador da região, está sempre com a bandeira triunfal e disposto a bandear-se para os que podem triunfar no futuro.

Recentemente, ao assinar um termo na Câmara, ganhou um novo qualificativo: desistador.

Motivo: ao pegar a pena para assinar o nome, ele o fez com toda solenidade — e riscou no papel uma cruz.

Sardinha é também analfabeto.

Noite sangrenta em Paris: S. Bartolomeu



491
12.2611



Paris, 24 de agosto de 1572 (Sucursal) — Com o repicar dos sinos de Saint Germain l'Auxerrois, à 1,30 da madrugada de hoje, teve início uma caçada humana que conflagrou Paris. Mata-se em nome do rei. E as vítimas são os representantes do Partido Huguenote, poderosa agremiação chefiada pelo almirante Coligny, cujo cadáver, decapitado, está sendo arrastado pelas ruas. O almirante foi morto em seu quarto de dormir,

por soldados comandados pelo Senhor de Besme (a serviço do Duque de Guise). Henrique de Navarra, cunhado do rei e casado com a princesa Margarida, está salvo no Louvre, apesar de ser um dos principais chefes huguenotes. Na gravura acima, uma montagem de nosso correspondente François Dubosi, vemos cenas de ruas e o instante em que o corpo de Coligny, em primeiro plano, era atirado pela janela de sua casa. (Completo noticiário na página 8)



40 mil florins por um trono

Rei francês no trono polonês: Henrique Valois

Varsóvia, dezembro, 1573 — Henrique de Valois, irmão do rei de França, será coroado em breve rei da Polônia, para cujo trono — vago há mais de um ano com a morte de Segismundo Augusto — foi eleito recentemente.

Sabe-se aqui que Henrique já partiu de Paris. Sua eleição foi condicionada aos seguintes compromissos: aliança perpétua entre Polônia e França; contribuição de 40 mil florins para saldar as dívidas de Segismundo e atender às necessidades do país; respeito às liberdades e privilégios do povo.

Na Polônia a coroa é atribuída por eleição — e os Jagellons ultimamente eram candidatos natos, tendo sempre um deles no trono. Mas Segismundo, que morreu no ano passado com 24 anos, não deixou herdeiros.

Jesuítas têm novo chefe

Roma, dezembro, 1573 (Sucursal) — O belga Everardo Mercuriano, candidato do papa Gregório XIII, foi eleito responsável pela Companhia de Jesus, contrariando as previsões feitas após a morte de Francisco de Borja, a 30 de setembro do ano passado, que tinham como certa a eleição do espanhol Polanco. O Papa justificou sua indicação com a seguinte frase: «é justo que escolhais agora um religioso de outra nação». A gravura que reproduzimos ao lado mostra uma das mais importantes cenas da vida de Francisco de Borja: a sua conversão diante do cadáver da imperatriz Isabel, mulher de Carlos V. (Leia na página 2)



o Brasil em Jornal

1572/73
N.º 27

"A HISTÓRIA EM NOTÍCIA"

Preço único
Cr\$ 15,00

Brasil tem agora dois governos: Norte e Sul

Evora, 10 de dezembro de 1572 (Urgente) — A partir de hoje, por decisão do rei d. Sebastião, o Brasil está dividido em dois Estados, com dois governos distintos:

1. Norte — capital Salvador — de Ilhéus para cima;
2. Sul — capital Rio de Janeiro — do Espírito Santo até Santa Catarina.

No mesmo ato de divisão territorial, o monarca nomeou governador para a região Norte o sr. Luís de Brito (Leia, na página 3, detalhes sobre o assunto).

Poeta-soldado canta glória de Portugal: "Os Lusíadas"

Com um poema de dez cantos, 1102 estrofes e 3816 decassílabos, Luís Vaz de Camões, o poeta-soldado, deixa, a partir deste ano, gravados para a eternidade os feitos e glórias daqueles portugueses «que por obras valerosas/Se vão da lei da morte libertando».

Camões escolheu para sua epopéia o título de «Os Lusíadas» (descendentes de Luso: portugueses), por analogia com a «Eneida» de Virgílio e a «Iliada» e a «Odisséia» de Homero, obras que influenciaram o poeta português.

O argumento principal dos Lusíadas é a viagem de Vasco da Gama à Índia — a primeira feita pelo Cabo da Boa Esperança, e que deu aos reis de Portugal o vasto Império do Oriente. A epopéia conta, também, por intermédio do Gama, a história de Portugal, desde sua origem até nossos dias.

SANTO OFÍCIO SURPREENDEU

A decisão do Santo Ofício de permitir a publicação do poema completo causou surpresa, já que a presença de divindades pagãs no poema é constante, dominando os cantos V (episódio do Adamastor) e IX (a Ilha dos Amores). Este redator ousa, no entanto, dar uma explicação: como os mitos entram no poema como ornato literário, como recurso artístico, não faltou ao Santo Ofício sensibilidade para compreender que a Arte e a Beleza tudo superam.

A D. SEBASTIÃO

Camões começa seu poema por uma proposição, onde diz que «Cantando espalharei por toda parte/Se a tanto me ajudar engenho e arte», todos os feitos dos portugueses. Em seguida invoca as musas do Tejo (as Tárgides) e depois dedica o livro a D. Sebastião: «E vós, ó bem nascida segurança/Da lusitana antiga liberdade».

Só depois disto, já na estrofe 19, começa a narrativa da viagem. A armada de Vasco da Gama está depois do Cabo da Boa Esperança e durante este canto atravessa o Oceano Índico e chega a Mombaça. O canto termina com uma das mais belas estrofes do livro.

VASCO CONTA HISTÓRIA

No canto II a armada parte de Mombaça e viaja até Melinde, onde o rei pede a Vasco da Gama para lhe contar a história de seu povo. Gama começa a contar, no canto III, a história de Portugal, desde D. Henrique, que recebeu o condado como dote da mulher, e seu filho D. Afonso Henriques, indo até D. Fernando, o grande amoroso.

A história dos portugueses continua a ser contada no canto IV, que começa mostrando a delicada situação em que ficou o reino, «depois que o rei Fernando faleceu». A história chega até D. Manuel, com a partida da armada de Vasco da Gama para o caminho das Índias.

O canto termina com a aparição de um velho na praia do Restelo, o qual «C'um saber só de experiências feito», que adverte os que vão partir contra «vã cobiça desta vaidade a quem chamamos fama!»

O ADAMASTOR

O episódio do gigante Adamastor, que ocupa quase todo o canto V, é, na opinião deste redator, o mais impressionante do poema. A armada parte da foz do Tejo e passa pela Ilha da Madeira, costa de Barbaria, Azenegues, Senegal, Cabo Verde, Ilha de São Tiago, Jafos, Mandinga, Dorcades, Serra Leoa, Cabo das Palmas, São Tomé, Congo e Rio Zaire, atingindo finalmente o Cabo das Tormentas, onde aparece o Adamastor.

Este gigante, que ameaça o capitão e sua armada com a tempestade, é o símbolo dos grandes perigos que ameaçaram durante toda a História os navegantes que ousaram atravessar aquele cabo. O gigante é descrito com grande realismo e em certo momento de suas ameaças é ousadamente interrompido por Vasco da Gama, que com uma pergunta mostra toda a sua excepcional coragem: «Quem és tu?»

A IRA DE BACO

Acabada a narrativa do Gama, os portugueses se despedem de Melinde, em meio a grandes festejos que o rei lhes prepara. Recomeça a viagem e vem o episódio da ira de Baco, a descrição dos palácios de Netuno. Baco vem de visita a Netuno e o excita contra a armada. Um concílio dos deuses é então convocado e nele Baco faz um dos melhores discursos do poema, pois teme o perigo que representa para ele e outros deuses, a coragem dos portugueses. Enquanto o concílio se reúne, surge Fernão Veloso, personagem histórico que se factava de valente, para contar o episódio dos Doze de Inglaterra. Novamente tempestade e tormenta. Oração de Vasco da Gama. Continua tempestade. Vênus intervém.

Vênus prepara uma ilha encantada para a armada, em alto mar, com auxílio das ninfas. Os navegantes avistam a ilha, que é descrita nas estrofes 54 a 63: é a Ilha dos Amores. Os navegadores desembarcam. Tétis fala com Vasco da Gama e o canto termina com a alegoria da ilha, que é a terra da promessa, dada como recompensa apenas àqueles que tomaram parte em proezas inolvidáveis.

QUEIXAS DO POETA

Ainda na Ilha dos Amores, Tétis oferece um banquete ao Gama. Uma ninfa, com canto melódico, faz um vaticínio. Nos cantos 8 e 9, há uma invocação do poeta, pedindo para que a inclita soberana da inspiração não o deixe, antes que realize o engrandecimento que deseja para a Pátria. A ninfa continua seu vaticínio: elogia heróis da Índia, depois de censurar uma crueldade de Afonso de Albuquerque. Tétis também faz uma previsão, dirigindo-se ao Gama. Terminadas suas descrições, Tétis despede-se do Gama, que volta com sua armada para Portugal. Queixas do poeta. O poema termina com exortações a D. Sebastião.

O ROTEIRO GEOGRÁFICO

Pelo resumo do poema, os leitores podem ver a rota de Vasco da Gama. A reprodução, em carta geográfica, mostra, em visão panorâmica, os caminhos marítimos desbravados pelo grande capitão. No poema, utilizando-se de uma forma de narrativa típica das epopéias, Camões já começa a narrativa com a armada em Mombaça, na África Oriental, perto de Melinde (canto I).

No canto II, Vasco da Gama vai de Mombaça a Melinde. No III e IV cantos o capitão ainda está em Melinde, narrando a História portuguesa ao rei do lugar. Canto V continua em Me-

Amanhece. Chegam a Calecute e o Gama agradece a Deus. O canto termina com o poeta celebrando o valor do esforço e condenação dos deleites.

EM CALECUTE

A armada chega, no canto VII, a Calecute, a cujo rei o Gama manda uma mensagem. O mensageiro encontra Moncaide, que vai até às naus. Descreve o Malabar. Vasco da Gama visita o rei e depois o Catural visita a armada. O irmão de Vasco, Paulo da Gama, explica ao Catural a história dos varões ilustres de Portugal, pois o Gama só havia falado nos reis, em sua narrativa ao rei de Melinde.

O poeta interrompe, no fim do canto, a narração de Paulo e apela para as musas, expondo o desalento que lhe vai nalma. É uma das mais belas passagens líricas, neste poema épico.

GAMA PRESO

No canto VIII, Paulo retoma a narrativa ao Catural e, terminada esta, o visitante se retira. Há então os vaticínios dos Arúspices, as intrigas de Baco e a reunião dos sectários de Maomé. O poeta dá conselhos aos chefes. Vasco da Gama ouve a fala desabrida



V el Rey faço saber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oitava rima chamada Os Lusíadas, que contém dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu vifão que lança gloria aja, & isto com privilegio pera que em tempo de dez anos que se começaro do dia que se a dita obra acabar de empremir em diate, se não possa imprimir ne vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso feu poder tiuer, sob pena de que o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoës, & a outra metade pera quem os acular. E antes de se a dita obra vender lhe fera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera fera todos notorio, & antes de se imprimir fera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camoës tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assignada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, ric. xx. que diz que as coufas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passẽ per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiij: de Setembro, de M. D. LXXI. Iorge da Costa o fiz escrever.

ORDEM DO REI — O fac-símile da ordem dada por El-Rei para a publicação do monumental poema de Luís de Camões. A ordem é datada de 24 de setembro do ano passado, quando, num grande furo, nós já havíamos adiantado que ela estava em andamento.

do rei dos muçulmanos, responde-lhes e é preso.

O capitão escreve, então, a Paulo pedindo-lhe para mandar fazendas para o resgate. Dois feitores trazem o pedido e o poeta termina o canto falando dos terríveis efeitos da sede do ouro.

A ILHA DOS AMORES

Os dois feitores são presos. Há projetos tenebrosos dos muçulmanos, que querem destruir a armada lusitana. O Moncaide, entretanto, inspirado por Deus, alerta o Gama e a armada levanta ferros. O soberano envia satisfações ao Capitão, em desagravo das ciladas. Vasco acolhe com mais alegria os feitores do que as satisfações do rei.



IMAGENS DE PORTUGAL — Deste modo os pintores viram (imaginar) o que Camões escreveu sobre Inês de Castro

Borja morreu depois de organizar Cruzada

Roma, 30, setembro, 1572 (Sucursal) — Depois da viagem que empreendeu no ano passado à Espanha para organizar uma cruzada contra os turcos (e em parte por causa dela), morreu hoje nesta cidade o terceiro Geral da Companhia de Jesus, Francisco de Borja.

Borja era de ilustre ascendência aragonesa, filho de d. Juan de Borja e de dona Juana de Aragón. Nasceu em Gândia, a 28 de outubro de 1510. Em 1530 casou-se com D. Leonor de Castro, nobre dama portuguesa e no mesmo ano, Carlos V nomeou-o marquês de Lombay. Nos cargos públicos que desempenhou, como na vida privada, foi sempre exemplo de dedicação e zelo.

Como Geral, Borja seguiu as diretrizes de Inácio de Loyola e do segundo Geral Diego Láinez. Nos primeiros anos de Companhia esteve em Guipúzcoa, Lisboa e Valência. Em 1555, Loyola o nomeou Comissário da Companhia na Espanha e nas Índias. Em 1560, apesar dos duros ataques que sofreu, chegando a ser acusado até de heresia, empenhou-se a fundo na propagação da Ordem pelas possessões espanholas, conseguindo grande êxito nesta tarefa.

CONVERSÃO INESPERADA

A vocação de Francisco de Borja se revelou de maneira

Morte da rainha provoca boafos na Côte: França

Paris, maio de 1572 (Correspondente) — Exalando mais perfume do que no comum das vezes, a mão da rainha de Navarra, Joana d'Albret, não mais fará gestos de respeito, carinho ou de simpatia.

É que sua mão parou para sempre — e com ela, a sua vida. Sua morte repentina encheu Paris de boafos, achando alguns que a morte ocorreu acidentalmente ou normalmente, afirmando outros que a rainha de Navarra foi assassinada. Entre estes, há os que dizem que a rainha-mãe Catarina de Médicis foi a mandante do crime; outros há, porém, que incriminam o duque de Guise, Henrique, velho admirador da Princesa Margot, futura nora de Joana d'Albret.

Crime ou não, o fato é que a rainha de Navarra usou luvas perfumadas e o perfume foi adquirido na perfumaria de Renato, amigo da rainha Catarina e morador na ponte de São Miguel.

Joana d'Albret viera a Paris para assistir ao casamento de seu filho Henrique (huguenote) com a princesa Margot (filha de Catarina de Médicis e irmã do rei Carlos IX, católicos).

A morte da rainha de Navarra não impedirá nem adiará o casamento.



JOANA D'ALBRET

★ O redator especializado de O BRASIL EM JORNAL, o primeiro jornalista do mundo a ler «Os Lusíadas», durante mais de um mês foi dispensado de suas funções aqui no jornal para estudar o poema de Camões.

Entre as observações feitas, duas merecem destaque pela curiosidade: éle constatou que há na epopéia dois versos integralmente repetidos: «Mas não lhe sucedeu como cuidava» (que aparece no canto I, estrofe 44, verso 8; e no canto II, estrofe 70, verso 4) e «Segundo estava mal apercebido» (Canto III, estrofe 35, verso 8, e canto IX, estrofe 7, verso 8).

A outra curiosidade: o verso 8, da estrofe 78, do canto IX — «Tra la spiga e la man, qual muro messo — é do soneto 43 de Petrarca e é uma espécie de provérbio para indicar uma dificuldade que surge quando está prestes a realizar-se o que se pretende e se espera.

★ Jacques Amyot, o religioso que adquiriu erudição imensa na juventude, quando fez seus estudos no Colégio do cardeal Lemoine, e depois foi professor na Universidade de Bourges, lançou em 1572 mais um livro: «As obras morais». O grande tradutor dos clássicos gregos e latinos deverá obter outro sucesso com esta publicação.

★ Ferrara, 1572 — Novamente nesta cidade, onde se encontra a serviço do duque Afonso II, o poeta Torquato Tasso, acaba de lançar «Amin-ta», uma espécie de moralidade pastoral, em sonetos, canções e madrigais.

★ Teresa de Jesus, priora do monastério da Encarnação, está escrevendo, por ordem de seu confessor, a narrativa de suas «Fundações».



★ Ferrara, 1573 — As letras estão de luto. Morreu nesta cidade o filósofo, médico e escritor italiano Cinzio Giambattista, autor de novelas cheias de imaginação, onde éle conciliou o seu espírito de classicismo com as regras morais. Por outro lado escreveu algumas tragédias, imitando Sêneca, que chegaram a suscitar espanto. No poema «Hércules» deu um papel moralizador ao herói grego. Cíntio tinha 69 anos.

★ Gênova, 1573 — Depois da noite de São Bartolomeu, o primeiro escritor que trata do assunto perseguição religiosa é o professor François Hotman, refugiado francês que leciona Direito Romano nesta cidade. O seu livro («Franco-Gallia») é uma diatribe contra o espírito dos legistas que favorecem os extravasamentos do poder real e a repressão despótica às heresias.

★ Heidelberg, 1572 — Apesar de incrédulo em matéria de alquimia, o autor de um livro recém-aparecido nesta cidade, sr. Tomás Erastus, confessa acreditar firmemente em feitiçaria. O título do livro é «Explicações» e nele há uma severa crítica ao doutor João Wier, que havia escrito que as feitiçeras são mulheres de cérebro desarranjado.

★ O humanista, impressor e filólogo francês Henri Estienne continua em intenso trabalho. Publicou em 1572 as obras completas de Plutarco e, neste ano de 1573, um «Tesouro da Língua Grega», calcado sobre o «Tesouro da Língua Latina» que seu pai publicara.

Além disso, colocou em versos, num trabalho muito interessante, «As Máximas Gregas e Latinas Sobre a Moral».

Brasil tem agora dois governos: Norte e Sul

Morreu Men de Sá

Évora, 10 de dezembro de 1572 (Urgente) — Os motivos que levaram o rei d. Sebastião a dividir o Brasil em dois Estados são, entre outros:

1. Tamanho da Colônia;
2. Necessidade de povoamento;
3. Facilidade de conversão dos índios;
4. Justiça mais rápida.

No ato de divisão territorial, o monarca nomeou governador para a região Norte o sr. Luís de Brito. Não se revelou ainda quem será designado para a capitania sulina.

Na chancelaria real deu-se ao decreto de divisão do Brasil extraordinária importância. Logo após sua assinatura um funcionário credenciado declarou que agora ia ser mais fácil administrar o país, ainda tão mal povoado e fazê-lo progredir rapidamente.

GOVERNARA O NORTE

Évora, 11 de dezembro de 1572 (Urgente) — O governador da província Norte do Brasil, ontem nomeado pelo rei d. Sebastião, é Luís de Brito Almeida, antigo escrivão da Misericórdia de Lisboa.

Ao que se informa, Brito deveu sua nomeação à maneira eficiente com que agiu na Misericórdia, durante a última grande epidemia de Lisboa: como os provedores e irmãos desamparassem os enfermos, por medo de contágio, Brito pessoalmente assistiu a muita gente em péssimo estado de saúde.

O novo governador informou extra-oficialmente que embarcará para o Brasil no princípio do próximo ano.

GOVERNADOR PARA O SUL

Olinda, 30 de abril de 1573 (Urgente) — A província Sul do Brasil já tem governador: Antônio Salema, desembargador, que recebeu a notícia de sua nomeação nesta cidade, onde se encontra a serviço.

Salema é português de nascimento. Veio nomeado há três anos, com o ordenado de 300 mil réis.

Procurado pela reportagem, negou-se a fazer qualquer pronunciamento com referência à sua nomeação, limitando-se a informar que embarcará imediatamente com destino à Bahia, aonde deve chegar, em breve, o governador da província Norte, sr. Luís de Brito.

Ambos conferenciarão ali sobre os assuntos ligados à administração das províncias brasileiras, depois do que Sa-

lema embarcará para o Rio de Janeiro, a fim de assumir o seu cargo.

IMPORTANTE CONFERÊNCIA

Salvador, dezembro de 1573 (Correspondente) — Para tratar de importantes assuntos li-

Última esmola de Pio V foi para a Liga

Roma, 1º de maio, 1572 (Suncursal) — O Papa responsável pela vitória de Lepanto e um dos maiores que a Igreja Católica teve neste século, morreu hoje, preocupado com a Liga de países que formou para vencer os turcos. A ele Pio V deu de esmola seu último dinheiro.

«Toma. Será bom para a Liga», disse, entregando ao camareiro uma pequena quantia de que dispunha.

Pio V morreu dentro do mais puro espírito de cristandade. Presentindo a morte, visitou as sete igrejas, «para despedir-se de tão santos lugares» e beijou três vezes os últimos degraus da Escada Santa.

Entre as realizações de Pio V estão: a submissão — como nunca fora feita — das penínsulas ibérica e itálica à Igreja; o cumprimento das disposições do Concílio de Trento (todos os bispos tiveram que jurar a «professio fidei»: resumo dos princípios dogmáticos do Concílio); e a divulgação do Catecismo Romano.

Pio V anulou, também, todos os brevíários que não emanavam diretamente da Santa Sé e que tinham uma tradição de 200 anos, e deu a conhecer um novo, concebido segundo os mais antigos preceitos da Igreja. Também não se esqueceu da publicação, para uso geral, de um missal novo, «segundo as normas e os ritos dos Santos Padres».

Durante o seu papado, os seminários se encheram, os conventos foram reformados e a Inquisição zelou com rigor implacável pela unidade e intangibilidade da Fé.

Por ocasião do ataque turco a Chipre, Pio V teve a idéia de trabalhar por uma aliança que incluía venezianos e espanhóis. Quando esta aliança se consumou, éle levantou as mãos para o céu e prometeu, como o fez, dedicar todos os seus momentos à empresa, para acabar com o poderio dos turcos.

gados à administração pública, acham-se reunidos nesta cidade os dois governadores do Brasil, Luís de Brito e Antônio Salema.

Do encontro participa também o novo ouvidor-geral do país, sr. Fernão da Silva.

Embora não se tenha informado com precisão o objetivo da entrevista, conseguimos apurar que se trata de legalizar a questão da escravidão negra e de índios no Brasil.

Extra-oficialmente soube-se também que os governadores estariam dispostos a aplicar, muito atenuada, a legislação real sobre escravos.

Assegura-se também que irão encetar em conjunto ação militar contra os índios sublevados.

Nova estrela assusta e provoca revolução

Knudstrop (Dinamarca) 12 de novembro de 1572 (Urgente) — Provocando uma revolução na astronomia e fazendo um astrônomo perder o sono, apareceu ontem sobre esta cidade, em meio às milhões que já existem, uma nova estrela.

Batizada imediatamente de «Nova Stella» pelo astrônomo Tycho Brahe — que a descobriu a olho nu e acabou perdendo o sono — a nova estrela tornou ultrapassada a teoria de Aristóteles de que o universo é imutável.

O astrônomo viu a estrela pela primeira vez de local próximo ao seu observatório: éle acabava de sair e caminhava — como invariavelmente faz às noites — olhando para o céu, quando uma estrela o impressionou pelo seu brilho incomum e por estar localizada em local onde o astrônomo jamais havia observado qualquer outra.

NAO É METEORO

Knudstrop, 15 de março de 1573 (Correspondente) — «Continuo observando diariamente e estudando com o maior interesse a estrela que surgiu há quatro meses e ainda não cessou de brilhar como nenhuma outra» — afirmou-nos esta manhã, em seu observatório, o astrônomo Tycho Brahe.

«Hoje posso concluir com segurança que a «Nova Estrela» não se encontra nem na região do Elemento, abaixo da Lua, nem entre as órbitas das sete estrelas errantes; está na oitava esfera, entre as outras estrelas fixas — e isto é o que nos cumpria observar.

«Segue-se daí que ela não é uma espécie particular de cometa, nem outra espécie de meteoro ígneo que se houvesse tornado visível» — acrescentou o astrônomo.

Salvador, 2, março, 1572 (Urgente) — Morreu o governador-geral do Brasil, sr. Men de Sá, que governou este país por 14 anos. A morte ocorreu às 10 horas, no paço da Câmara desta cidade.

Men de Sá estava bastante doente e aguardava, a qualquer momento, com grande ansiedade, a vinda impossível do sr. Luís de Vasconcelos, seu sucessor, nomeado há dois anos. Sem que o governador Men de Sá soubesse, Vasconcelos estava morto, vitimado pelos corsários franceses.

Seus íntimos contaram-nos hoje, quando toda a cidade chora sua morte, que Men de Sá, nos últimos tempos, não tirava os olhos do mar, por onde, dizia éle, havia de chegar seu substituto.

O ambiente na cidade é de consternação. O ilustre soldado deixa dois filhos em Portugal: Francisco e Filipa, a quem lega seus bens.

Seu sepultamento será no cruzeiro da igreja dos jesuítas de Salvador. Provisoriamente, assumirá o governo o ouvidor-geral Fernão da Silva.

TEMOR E PREVISÕES

A estrela descoberta por Tycho Brahe tem causado pavor ao povo, que começou a fazer previsões; uma delas diz que, assim como os Reis Magos foram avisados por uma estrela do nascimento de Cristo, a «Nova» anuncia sua última vinda ao mundo e o seu próximo fim.

Enquanto isto, Brahe continua incansavelmente a estudar a estrela que poderá levá-lo a reformar a astronomia em todas as suas ramificações.

Essa reforma — e daí a grande importância da nova estrela, cujo aparecimento veio provar o erro de Aristóteles a respeito da imutabilidade do Universo — decorre do fato de Tycho ter demonstrado cabalmente que a estrela é mais distante do que a Lua e não participa dos movimentos planetários.

UM LIVRO

O astrônomo Tycho Brahe, de espantosa sabedoria apesar de seus 26 anos de idade, contou-nos que tem quase pronto um estudo completo a respeito das observações que fez da «Nova Estrela».

O trabalho será publicado ainda este ano e expressa sua adesão às idéias de Copérnico, sobre as esferas cristalinas para os diferentes corpos celestes e sobre os cometas atmosféricos — tudo combinado com reflexões e inferências astrológicas.

Seu título: «De Nova Stella, anni 1572».

Brasil: dois governos

O ato do governo da metrópole, dividindo o Brasil em dois governos, um no norte, o Estado do Maranhão, outro no sul, o Estado do Brasil propriamente dito, não nos parece que possa produzir úteis resultados. Apesar da vastidão do território compreendido entre o Grão Pará e o cabo da Santa Maria, com uma profundidade de sertão ainda ignorada, estamos convencidos de que um só comando melhor conservará a sua integridade, combaterá as ambições estrangeiras e imprimirá o cunho civilizador luso à sua colonização. Já tivemos amarga experiência do que seja a divisão dos poderes de governo no extinto regime das donatárias e vimos como a centralização das mesmas em um governo geral, desde o tempo de Tomé de Sousa, mudou completamente o rumo da administração e impôs obediência e ordem a toda a colônia.

O maior argumento dos que aconselharam a El Rei o novo plano é o das comunicações com a capital do Reino. De fato, as correntes marinhas e os ventos facilitam a vinda dos navios na rota de sul-sudeste, aprofundando sobre o cabo de São Roque ou o de Santo Agostinho e descendo a costa até o cabo Frio, com a volta facilitada pelo mar largo e as correntes africanas. Enquanto isso, muito difíceis se tornam as comunicações e transportes da Bahia para o norte, a contrário do mar e do vento, bem como do norte para a Bahia, levando nessa viagem uma embarcação o duplo do tempo tomado pela travessia de Lisboa ao Brasil. Todavia, ir da costa septentrional brasileira a Portugal e de Portugal vir para a mesma oferece facilidade idêntica à que se encontra nas viagens para o sul do cabo de São Roque.

Este alegado é, na verdade, de pêso, se a manutenção do Brasil se cifrasse tão-somente numa questão de transportes; porém ela se apresenta muito complexa, dependendo de fatores e circunstâncias os mais diversos. Ademais, não poderá prevalecer essa questão das comunicações, quando sabemos que a posse da terra pelos lusos, ao norte da Bahia, tem como limite de fato a capitania de Pernambuco, que malograram as tentativas de colonização do Maranhão e, por conseguinte, não há ainda núcleos de população nossa entre a foz do Grão Pará e a embocadura do Paraíba. Que vai fazer nesse deserto, pergunta-se, o governo do Estado do Maranhão? Onde se estabelecerá a sua sede? Que vila ou cidade se fundará para isso, como se fez com a cidade do Salvador?

Os defensores da idéia não de replicar que por isso mesmo é que se deve ali colocar um governo, subtraíndo aquela vastidão ao da Bahia, a fim de acudir-lhe com povoamento e cristianização. Responderemos que não nos parece ainda chegada a oportunidade para se atender dessa maneira o problema, onerando a fazenda real com a armação dum novo quadro governamental, quando melhor seria empregar essas quantias na exploração daquelas terras devolutas por onde andam os franceses à cata de formar um quisto, como o que foi extirpado da Guanabara. São quase desconhecidas e já vão gozar as prerrogativas de Estado!

Temos certeza de que semelhante medida soçobrará em pouco tempo. As razões de ordem prática sobrelevam no caso as de ordem teórica. Diante da inutilidade da criação do novo governo, a Metrópole voltará ao regime anterior do Governo Geral, o único aconselhável nesta fase da colonização portuguesa deste lado do Atlântico.

Veremos a quem o futuro dará razão. Todo reino dividido, rezam as Santas Escrituras, está destinado a perecer. Daí o preconizarmos sempre a união sob uma chefia só, no desejo que nos anima de que se forme nesta parte da América um grande Brasil português e católico.

A MODA COMO ELA É

CHAPÉU NEGRO DE FITINHAS

A última moda para mulheres em Paris é o chapéu de veludo, armado, guarnecido com pérolas e duas fitinhas da mesma cor (em geral, preto). O conjunto toma destaque sobre a gargantilha branca e dá a quem o usa um ar de distinção como as leitoras podem ver pela gravura.



Paris, 18 de agosto de 1572 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Num pavilhão armado à porta da igreja de Notre Dame e com o cerimonial usado no casamento dos infantes de França, o cardeal de Bourbon casou hoje Margarida de Valois, filha do rei Henrique II e irmã do rei Carlos IX, com Henrique de Bourbon, rei de Navarra.

Com apenas 20 anos de idade, cabelos pretos, olhos voluptuosos e compridas pestanas, boca rubra e fina e um corpo elegante e flexível, Margarida é chamada a «pérola dos Valois». Além de bela, é uma das princesas mais instruídas do nosso tempo, falando correntemente, além da sua língua materna, o Grego e o Latim. Henrique de Navarra é um rapaz de 19 anos, tem os cabelos pretos muito curtos, as sobrancelhas espessas, o nariz recurvado e o bigode e a barba a despontar.

Comemorando o acontecimento, o rei Carlos IX ofereceu, à noite, no Louvre, um magnífico baile, a que compareceu a principal nobreza de França, assim como os embaixadores estrangeiros acreditados na Corte.

Paralelamente, circulam rumores de que o rei Carlos IX e a rainha Catarina promoveram o casamento apenas como motivo para obter a conciliação entre os poderosos partidos Católico e Huguenote. Sabe-se que o Papa Pio V desaprovou o casamento e que o rei Carlos teria dito, ao saber da oposição papal:

«Se o Papa se fizer de tolo eu mesmo pegarei Margot pela mão e a levarei a casar com Henrique na Igreja Protestante.»

Carlos IX teve de vencer, também, a oposição da Margarida, com quem foi severo, chegando mesmo, segundo se propala, a castigá-la fisicamente.

Informa a crônica da corte, que assim já arranhou um jeito de manchar o traje nupcial da «pérola dos Valois», que Margarida tencionava casar-se com o duque Henrique de Guise, com quem há muito mantinha relações muito estreitas.

A rainha D. Catarina, avó do rei D. Sebastião, continua não acreditando que seu neto seja contra o casamento. Assim, pediu a Madri que lhe remetam uma relação das princesas casadoiras. Entre elas está Maximiliana, filha do duque da Baviera. Mas a rainha prefere mesmo o casamento de Sebastião com a princesa Clara Eugênia, filha de Filipe II. Resposta deste: «a esquadra espanhola está à disposição de Portugal para conduzir a eleita até Lisboa. O rei deve mesmo casar-se para assegurar a linha sucessória. Quanto a Clara Eugênia, ainda é muito moça para casamento».

Portugal auxiliará jesuítas com Índia

Lisboa, 11 de janeiro de 1573 — Os colégios e casas de jesuítas espalhados pelo mundo terão a especiaria de que precisam para manter-se.

Hoje, o rei de Portugal, D. Sebastião, ordenou que fôsem concedidos a cada estabelecimento daquela ordem cerca de 30 arratéis dos vários produtos do império colonial português na Ásia.

Em seu decreto, D. Sebastião discrimina os colégios existentes no exterior.

Os números dos beneficiados sobem a 26, em 23 cidades. Roma, com três colégios, detém o recorde de estabelecimentos religiosos na Europa, mas é a única cidade italiana beneficiada.

O país que receberá mais ajuda em consequência da decisão real é a Alemanha, com

treze estabelecimentos. Em seguida, a França, com seis.

Uma fonte da chancelaria real informou que tal ajuda aos colégios jesuítas há muito estava nas cogitações de D. Sebastião. A propósito, recordou as várias facilidades que o rei deu aos jesuítas em Portugal e no Brasil, para a criação de novos estabelecimentos de ensino.

— Posso recordar a concessão feita o ano passado ao colégio de jesuítas em Coimbra: mil e duzentos réis das rendas da Universidade.

E, concluindo:

— Por mais que dê aos jesuítas, D. Sebastião sempre lhes deverá: eles estão praticamente construindo um país na América do Sul, o Brasil, e isso não tem preço.



Diana de Poitiers no banho (detalhes de um quadro de Clouet)

MORREU FRANÇOIS CLOUET

Paris, dezembro, 1572 — Morreu, este ano, ao completar 50 anos, o pintor François Clouet, que desde 1545 sucedeu a seu pai no duplo cargo de camareiro e pintor ordinário do rei.

Clouet pintava, com especialidade, graciosas miniaturas. Como desenhista, deixou «crayons» de encantadora delicadeza. Sua obra é imensa, embora o pintor assinasse apenas um pequeno número de telas. Mas todas elas estão bem marcadas por um estilo inconfundível, o estilo dos «Clouet», do qual François era o terceiro representante. Entre suas obras, destacam-se os retratos de Francisco I a cavalo; Henrique II; Carlos IX; Elizabeth de Valois e o médico Pierre Guthe.

Ilustrando nossa seção de pintura, damos hoje um detalhe de um dos mais famosos quadros do pintor desaparecido, onde se vê a bellissima cabeça de Diana de Poitiers.

O BRASIL EM JORNAL
R. México, 119, 12º and.
grupos 1.202/8 — Tel.: 22-6807
SEDE PRÓPRIA
End. Teleg. REFORMA - Rio

Direção
AMARAL NETTO
Assessoria
GUSTAVO BARROSO
JAYME COELHO
Redação
CLAUDIO SOARES
MARCOS DE CASTRO
RUBEM DE AZEVEDO LIMA
ZUENIR CARLOS VENTURA
WALTER CUNTO
Paginação
WALDYR FIGUEIREDO
Ilustração
ADAÍL
Revisão
GABRIEL CHAVES DE MELO

Diretor-Superintendente
LUIZ PIETSCH JÚNIOR

São Paulo
AGENCIA POLANO
Rua João Brícola, 32

ASSINATURAS (ANUAIS)
24 Nos. SIMPLES... Cr\$ 300,00
24 Nos. AEREA... Cr\$ 350,00

Alba fracassou: teve que voltar

Bruxelas, dezembro, 1573 (Do enviado especial de O BRASIL EM JORNAL) — Repetindo que «preferiria perder os Países Baixos a mantê-los com outra religião que não a católica», Filipe II acaba de ordenar a volta à Espanha do duque de Alba, já que ele não conseguiu afogar, apesar do sangue que fez correr, a rebelião dos «mendigos».

O duque, depois de sete anos de governo, deixa aqueles países totalmente arruinados economicamente, com o poder bancário de Amsterdam quase que anulado. O seu nome trará sempre a lembrança de uma época de ódio e terror.

A insurreição já parecia dominada, quando certas medidas econômicas exasperaram o povo. No dia 1º de abril do ano passado, os «mendigos» tomaram o estratégico pórtico de Den Briel, perto de Roterdã, e passaram, assim, a dominar o mar. Em seguida, as províncias do norte (Zelândia, Holanda, Gueldres, Overissel e Utrecht) aderiram aos rebeldes e proclamaram seu chefe o príncipe de Orange.

A TOMADA DE HAARLEM

Um dos episódios mais importantes desta fase de operações foi a tomada de Haarlem, a principal cidade rebelde. Amsterdam, por ser centro comercial, quis manter neutralidade e acabou sendo base estratégica de grande valor para Alba. De 12 de dezembro do ano passado a 17 de julho deste ano, Haarlem ficou sitiada pelas tropas espanholas. Cansados de tanta resistência, os espanhóis iam levantar o cerco quando o duque de Alba mandou a seu filho a seguinte mensagem:

«Se deixares o campo sem tomar a praça, deixarás de ser meu filho; se morreres no assédio, eu irei em pessoa substituir-te, apesar de estar de cama, doente; e se faltarmos nós dois, virá da Espanha tua mãe para fazer na guerra o que seu filho não teve coragem ou valor de fazer».

Haarlem foi tomada. Mas isto custou aos espanhóis doze mil baixas, entre mortos e feridos. Em compensação, dois mil rebeldes foram executados.

Os espanhóis marcharam então para o norte e cercaram a pequena cidade de Alkmar. Os revoltosos romperam os diques e abriram as comportas que defendiam o país das inundações. Na estratégica cidade Leyden, um cerco mais terrível, que já durara vários meses, foi rompido de igual maneira. As águas do Rhin foram postas em liberdade e, depois de algumas semanas, um vento favorável fez subir a maré o bastante para libertar a cidade.

Vereadores trataram da república

Rio de Janeiro, 27, setembro, 1572 — Em sessão ordinária, estiveram reunidos hoje os vereadores desta cidade. Assunto em pauta: interesses da república.

Compareceram os vereadores Cristóvão Monteiro e Antônio Sampaio e o procurador do Conselho, Simão Barriga. Sessão calma, apesar da importância do tema em debate.

Pai alcaide viaja e filho o substitui

Rio de Janeiro, 21, setembro, 1572 (Urgente) — O pai é alcaide, o filho é hábil e discreto; o primeiro vai à Europa e o segundo o substituirá — eis o que decidiram hoje os vereadores desta cidade, ao dar posse ao sr. Diogo Fernandes Pinto, filho do alcaide Francisco Fernandes Pinto.

O alcaide-titular vai a Lisboa para, como representante do povo carioca, solicitar providências das autoridades portuguesas a favor dos moradores no Rio.

Francisco Fernandes solicitou e obteve da Câmara de Vereadores que o filho o substituisse durante sua ausência. Diogo prestou juramento de bem cumprir suas missões e o alcaide-representante prometeu também desincumbir-se a contento da tarefa que lhe atribuíram os cariocas.

Inglaterra matou seu último nobre

Londres, 2, junho, 1572 — Por ter conspirado com os agentes de Filipe II, Alba e o Papa, para colocar Maria Stuart no trono da Inglaterra, foi executado hoje o duque de Norfolk, o último representante da nobreza que sobreviveu à guerra das Duas Rosas e o mais nobre personagem da corte inglesa.

Norfolk estava prêsso desde o ano passado, quando foi descoberto o plano de rebelião que incluía a morte da rainha e o casamento do duque com Maria, logo que esta conseguisse do Papa o seu divórcio com Bothwell.

O quarto duque de Norfolk era filho de Henrique Howard e nasceu no dia 10 de março de 1536. Seu grande desejo era desempenhar na Inglaterra o mesmo papel dos Guise na França. Foi em 1554, quando morreu o seu avô, que o jovem Tomás herdou o título e a política de sua família.

Norfolk conheceu o cárcere entre 1569 e 1570 e logo depois de libertado entrou em contato com Filipe II e se colocou à frente dos conspiradores para derrubar Elizabeth. Pagou, assim, com a cabeça a dupla ousadia: sublevar-se contra o poder da coroa e converter-se em chefe — embora protestante — do partido católico inglês.



Forca e espada espanholas liquidaram dois mil rebeldes em Haarlem

Não gostava de ver mulheres mandar: morreu

Edimburgo, 24, novembro, 1572 — As mulheres que detêm poder estão em paz: John Knox morreu hoje nesta cidade.

Ele era o maior adversário de todos os governos exercidos por mulheres e foi a alma de duas revoluções simultâneas na Escócia — uma de caráter religioso, a introdução do calvinismo; outra de caráter político, o triunfo da nobreza dos clãs sobre a monarquia.

Apesar das perseguições que sofreu e dos obstáculos que enfrentou, Knox conseguiu ver crescer sua Igreja, que em 1567 foi proclamada única no país. Foi neste ano, também, que ele voltou da Inglaterra, onde passou um ano, disposto a conseguir dos nobres a deposição de sua grande inimiga, Maria Stuart.

Dotado de poder persuasivo pouco comum e de um espírito fanático, John Knox foi durante grande parte dos seus quase 70 anos um incansável combatente. Mesmo os seus inimigos reconhecem o seu valor e, para se ter idéia de sua importância na vida pública de seu país e mesmo da Europa, basta consultar números anteriores de O BRASIL EM JORNAL, onde apareceu com grande frequência.



Knox morreu; mulheres podem respirar

Inquisição condena Veronese: papagaio

Veneza, 18, julho, 1573 (Urgente) — Por causa de um papagaio e de soldados alemães, pintados no quadro em que retrata a cena bíblica de Jesus na casa do levita Simão, o autor do maior quadro do mundo, Paulo Veronese, respondeu hoje a inquérito no Tribunal da Inquisição e foi condenado a raspar, dentro de três meses, tais figuras de sua tela («Ceia na Casa de Simão»).

Após o julgamento, Veronese recebeu consagrada homenagem de dois artistas que o esperavam do lado de fora do tribunal, Ticiano e Sansovino: ambos o abraçaram à frente de todos. Para os dois, Veronese agiu no Tribunal como legítimo defensor da liberdade artística.

O quadro que deu origem ao processo fôra encomendado para o refeitório do convento dominicano de São João. Alguns personagens anacrônicos escandalizaram os juizes. Os soldados alemães, por exemplo. Os juizes indagaram a Veronese o porquê da presença deles, bem como a de um papagaio nas mãos de um bufão, lado a lado com Jesus Cristo.

Nós, pintores, tomamos a liberdade dos poetas e dos loucos. Os soldados alemães no quadro tinham uma finalidade: dar a entender que o dono da casa é rico. Quanto ao papagaio, é mero enfeite.

Outro personagem causou a curiosidade dos inquisidores: um criado, que, no quadro, tem o nariz ensanguentado.

— Que significa isso?, perguntaram ao pintor.

— Nada. Apenas um criado que, por qualquer motivo, teve hemorragia nasal.

Os juizes quiseram saber se o quadro fôra encomendado com tais pormenores.

— Não. Mas me deixaram liberdade para realizá-lo como me parecesse melhor. Porque era grande e nêle cabiam muitas figuras, pus as que me agradavam.

Finalizando, passaram um pito no artista:

— Não sabe que em outros países, infestados de hereges, zombam das coisas da Igreja Católica por causa de tais pinturas frívolas ou sensuais?!

A esta altura, Veronese já se sentia condenado. Mas, ainda assim, respondeu que imitava os grandes artistas.

— Quem, por exemplo?, indagaram dêle.

— Miguel Ângelo. Na Capela Sistina êle pintou Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santíssima Mãe, São João, São Pedro e tôda a corte celestial inteiramente despidos.

PAPAGAIO FICA

Veneza, 20, outubro, 1573 — Apesar de condenado em julho último a retirar de seu quadro «Ceia na Casa de Simão» o desenho de um papagaio e outras figuras que escandalizaram os juizes inquisidores, o pintor Veronese até agora não cumpriu a sentença.

Um amigo do grande artista informou-nos que Veronese seguirá a técnica de dar tempo ao tempo para ver como é que fica.

— Assim, disse-nos, o papagaio continuará. Até agora Veronese não foi incomodado pelos inquisidores, para mostrar que cumpriu a sentença.

Morreu bispo do Brasil

Salvador, outubro, 1573 — Morreu o bispo D. Pedro Leitão. A suprema autoridade religiosa no Brasil, ao sentir-se mal, pediu que o deixassem morrer entre os jesuítas do colégio desta cidade.

Sua morte chocou profundamente todos os círculos sociais, dado o prestígio que desfrutava. Aos jesuítas deixou tôda a sua biblioteca.

Veneza perde Chipre e faz paz com turcos

Veneza, 4, abril, 1573 (Urgente) — *Veneza e Turquia acabam de assinar um tratado de paz. O doge anunciou, hoje, em audiência pública, que, ante a impossibilidade de continuar lutando contra Selim II, põe fim às hostilidades entre os dois países, embora deva pagar pela paz um preço muito elevado.*

Em consequência do tratado, a República abandona a aliança contra os turcos. Nesse sentido foi dirigido um comunicado lacônico a seus antigos aliados, o rei Filipe II, da Espanha, e o papa Gregório XIII.

Veneza, que combateu com tanto empenho em Lepanto, por causa da ilha de Chipre, e dali saiu vitoriosa, perde, a contar de hoje, todos os direitos à ilha e terá de pagar a Selim II 300 mil cequins de ouro.

O tratado vinha sendo negociado secretamente há 4 meses. Inicialmente, levado à Câmara de deputados, foi rejeitado. O Conselho dos Dez o aprovou, contudo, face às desinteligências entre venezianos e espanhóis.

NUMISMÁTICA



Este medalhão admirável é obra de Germain Pilon, o grande escultor que também se vem notabilizando pelos trabalhos de cunhagem e ourivesaria. Pilon já é considerado por muitos como superior ao seu próprio mestre, Jean Goujon, morto há dez anos. O trabalho traz a data da morte do ex-rei de França, mas foi executado algum tempo depois. Henrique está representado de semiperfil, segundo um desenho feito ainda durante sua vida. Fisionomia fina, aristocrática, enérgica. Note-se a elegância procurada na atitude e a fina pérola que pende da orelha do soberano.

Anjos, galo e sino marcarão hora: Catedral.

Estrasburgo, 1573 — Dois anjos tocando trombeta, o toque de um sino e o bater de asas de um galo que canta marcarão, de agora em diante, a hora certa nesta cidade.

Tais engrenagens fazem parte do relógio que acaba de ser montado na catedral de Estrasburgo. Todo o relógio é uma obra-prima de mecânica e consta de uma esfera móvel sobre a qual estão representados planetas e as constelações. O engenho completa sua rotação em 365 dias.

De ambos os lados e abaixo do mostrador estão várias figuras alegóricas que simbolizam as principais festas do ano e as solenidades da Igreja.

Outros mostradores distribuídos simetricamente na torre da igreja marcam os dias da semana, a data do mês, os signos do zodíaco, as fases da lua, o nascer e o pôr do sol. A cada hora, dois anjos tocam trombeta, o sino se faz ouvir e um galo bate asas e canta.

Guarda-se sigilo sobre o autor ou autores de tão impressionante trabalho. Já circulam inclusive algumas lendas sobre o relógio da catedral. Diz-se que foi o próprio Copérnico quem o planejou ou que o relojoeiro que o confeccionou foi cegado, após terminá-lo, para não poder fazer outra obra igual.

MOTIVOS

Um porta-voz revelou-nos que a cessação de hostilidades teria sido decidida em meados de 1572. Naquela época, enquanto os venezianos, pretendendo tirar mais proveito da vitória em Lepanto, queriam perseguir os turcos em seus redutos, os espanhóis, alegando dificuldades e ameaças por parte da França e Inglaterra, mantiveram sua marinha em Messina.

Em setembro, os almirantes Colona e Foscari, do Papado e de Veneza, tentaram uma ação de envolvimento contra a marinha turca, sob o comando de Luchali. Em outubro, afinal, a marinha espanhola juntou-se a seus aliados e tentou a repetição de Lepanto contra a base turca de Modon, aonde Luchali se abrigara.

No dia 8, face às dificuldades da luta, os sitiados abandonaram Modon. Os venezianos culpavam D. João de Áustria pelo insucesso do cerco.

Para a República, a falta de resultados concretos na luta teve consequências políticas desastrosas. Significava nada menos que os turcos não tinham perdido seu poderio no Mediterrâneo e estavam em condições de reivindicar a ilha de Chipre, o que de fato acaba de acontecer.

BARBA CRESCER

Um oficial do almirantado veneziano revelou-nos ainda que a esquadra turca está inteiramente recuperada do desastre de Lepanto.

Segundo ele, 5 meses depois daquela batalha, a marinha de Selim II já contava com 200 galeras novas e era outra vez temível.

O mesmo informante assegurou que Selim, mal soube do resultado de Lepanto, exclamou:

«Os cristãos raspam a barba do sultão, mas ela brotará outra vez e com mais força..»

Rio de Janeiro, 1573 — O padre José de Anchieta foi eleito reitor do colégio de jesuítas desta cidade, mas não será empossado. A informação é do provincial Inácio de Tolosa, que nos explicou:

“Anchieta é mais importante em São Vicente, onde no momento se encontra. Para o Rio virá o padre Brás Lourenço”.

Ordenou-se agora na Bahia que as férias escolares começarão no dia de Santa Luzia (13 de dezembro) acabando na festa da Purificação (2 de fevereiro). A reabertura das aulas ocorrerá a 4 de fevereiro, pois os dias 2 e 3 desse mês serão aproveitados para a distribuição de prêmios escolares.

Por falar nos cursos da Bahia, consta que estuda no colégio dos jesuítas de Salvador um indiozinho que foi salvo de ser morto por índios inimigos. Resgatado pelos pais, ele foi trazido para o colégio e assegura-se que seu aproveitamento é excepcional.

Começou na Bahia um curso de Artes, sob a direção do pa-

Rei caminhou lado a lado com Governador

Lisboa, 1572 (Correspondente) — Através desta cidade embandeirada, lado a lado com o rei D. Sebastião e sob o mesmo pálido, caminhou o vencedor da Índia, D. Luís de Ataíde.

Ao saber da chegada do governador, o rei veio em pessoa recebê-lo no cais e fez questão de caminhar a seu lado, pelas ruas embandeiradas.

Lisboa toda aplaudiu D. Luís, que desfilou precedido de uma banda de clarins.

dre Gonçalo Leite. Os alunos são poucos. Simultaneamente, o curso de Teologia Especulativa iniciou-se com a leitura do Tratado de Incarnatione, pelo Provincial Inácio Tolosa.

Última fundação jesuíta neste ano de 1572: colégio em Gratz, na Europa central.

Frei Juan de la Cruz, o jovem carmelita espanhol que se vem dedicando a uma reforma em sua ordem, seguindo mais ou menos os passos de madre Teresa de Jesus e que já fundou uma nova ramificação, os Carmelitas Descalços, passou a ser, este ano, mestre de noviços, em Mancera.

Esfarrapados portugueses salvam cidade

Málaca, novembro, 1572 (Correspondente) — Esta cidade ainda queima em alguns pontos. Tropas numerosíssimas do sultão de Achém cercaram-na, queimaram os bairros fora dos muros e quase a ocuparam.

Um lance de sorte salvou Málaca: o português Tristão Vaz da Veiga, que ia de viagem comercial para Sunda e aqui chegou inesperadamente, reuniu alguns esfarrapados soldados portugueses e defendeu a cidade heróicamente. Depois, com os barcos que conseguiu juntar, atacou a frota de Achém e a pôs em fuga.

TAMBÉM AMBOINO

Amboino, Molucas, 1573 — A cidade está cercada por guerreiros indígenas de Ternate. Sancho de Vasconcelos comanda a resistência aos invasores e não se sabe quanto tempo poderá manter-se sem socorros.

A importância estratégica de Amboino é extraordinária. Trata-se de um dos últimos pontos das Molucas ainda em poder dos portugueses.

Com anarquia Ashikagas não existem mais

Japão, 1573 — Acabou-se na maior anarquia que varre todo o país a dinastia outrora poderosa da família Ashikaga.

O poder central do imperador era constantemente desobedecido e se exercia através de uma espécie de regente, o xogum. Ultimamente, os imperadores japoneses eram titeres nas mãos dos chefes das famílias Ashikagas. Agora, um levante liquidou a poderosa família. Não se têm dados. Ignora-se a situação no interior do país. Ao que parece, o imperador resolveu tomar em suas mãos a rédea do poder central.

JORNAL ECONÔMICO

William Cecil é o novo Lord Tesoureiro da Inglaterra. Podemos revelar em absoluta primeira mão os três principais pontos do seu programa: 1 — colocar as finanças do país em dia; 2 — fixar as indústrias novas, concedendo, se preciso, monopólio a particulares; 3 — importar artesãos e operários em geral dos países onde há perseguição religiosa.

A cidade de Manilha, fundada há apenas dois anos nas Filipinas, pelos espanhóis, está se tornando importante ponto de intercâmbio entre as cidades orientais e o Ocidente. Ao que se informa, anualmente, perto de 50 juncos chineses ali chegam transportando sedas, porcelana, farinha de trigo e artigos da indústria metalúrgica.

Segundo os economistas, deu resultado a legislação inglesa que transforma em obrigatória a contribuição voluntária que os paroquianos dão para ajudar os mendigos e para acabar com a vadiagem.

Os próprios juizes foram encarregados da aplicação desse sistema de assistência pública de que não se conhece igual na Europa.

Mil e uma noites: um rei e 5 mil mulheres

Índia, dezembro, 1573 (Correspondente) — Do Gujara-te a Bengala, da costa do Mar de Omã ao delta do Rio Ganges, desta linha para cima até a longínqua Cachemira, a Índia só tem um chefe: um môço de 30 anos que possui 5 mil mulheres, não sabe ler, mas protege as letras e conhece de cor as mais belas poesias da literatura persa.

Seu nome é Acbar. Na Índia misteriosa, em qual-quer idioma — desde o português adventício aos velhos dialetos malabares, não existe palavra de maior força persuasiva.

Se perguntarem ao homem da rua, na Índia, aonde ele vive, poderão não obter resposta. Carachi, Laari-Bandar, Patna, Cabul e Laore já terão visto a côr de suas tendas. Acbar é um rei bem mongólico, irrequieto, incansável.

Sua fama como administrador e homem de visão ampla já atravessou fronteiras. A lado de extraordinárias virtudes, tem uma dezena de pequenos e grandes vícios que o fazem humano.

Aonde quer que vá, acompanha-o um harém de 5 mil mulheres vindas de tôdas as partes do mundo e guardadas por uma verdadeira legião de eunucos. Além disso, é um espírito angustiado. Não dispensa o vinho e o ópio em ocasiões solemnes, como quando deve atender a um diplomata ou um chefe de governo.

Acbar tem-se na mais alta conta, mas nem por isso deixa de ouvir conselhos de seus ministros, embora nunca os siga.

Seu lema de governo parece ser «movimento, sempre movimento». Assim, um de seus sustentáculos, o Exército, tem de estar sempre em correrias por tôda a Índia. Este ano, conquistou Surata. O ano passado, o Gujara-te. Agora, olha com grande interesse para Bengala e é provável que este reino já no próximo ano não exista mais.

O rei tem seus médicos, seus artistas, seus poetas particulares. Aonde estiver, os súditos têm de levar-lhe água do Ganges, gêlo das montanhas, frutas da Cachemira e Samarcande. Tem especial predileção pela construção, embora seus governados vivam em casas miseráveis. Desde 1570, outra preocupação o domina: a Cidade de Fatpur-Sicri, que ele mandou edificar para comemorar o nascimento de um filho.

Nessa situação, o leitor há de querer saber como vive o povo na Índia. Bem, o povo não vive bem, mas gosta de Acbar, que encarna o espírito do indiano comum. Qualquer cidadão que trabalhe para sustentar o luxo das várias côrtes reais se sente disposto a agir exatamente como Acbar, caso chegasse ao trono. O povo vive mal, não sabe ler, trabalha para manter uma elite (zamindars) dona de terras e os caprichos de Acbar, mas talvez não fôsse tão feliz se lhe tirassem o rei que lhe recita poemas de cor.



Morreu Vignole

O homem que ajudou a fundir na Itália as figuras metálicas que enfeitam o palácio de Fontainebleau, na França e construiu, mais tarde igrejas, pórticos e palácios, acaba de morrer. Trata-se do arquiteto Giacomo Barozio, mais conhecido como Vignole, o autor do «Tratado das cinco ordens de arquitetura.»

Vignole tinha 66 anos e estudou pintura no começo de sua carreira. A leitura das obras de Vitruvius fê-lo arquiteto. Apesar de sua obra não agradar ao gosto italiano (ela é considerada pesada, pomposa e fria) nunca lhe faltaram bons fregueses. Entre os trabalhos que executou figuram: fachada da igreja São Petronio, em Bolonha; Palácio Isolani, em Minerbio e Vila do Papa Júlio III, próximo à porta do povo, em Roma.

COLUNA MILITAR

Como se tem observado que os flancos das tropas de infantaria armadas de piques são muito vulneráveis, visto que, quando atacadas pelas alas, dificilmente podem passar da formação em linha para a de quadrado ou poligonal, os táticos estão remediando de duas formas essa inferioridade: com a organização de pe-

Leitores querem
saber onde anda
Cabeça de Vaca

A redação de O BRASIL EM JORNAL recebeu este ano quase uma dezena de cartas contendo uma mesma pergunta. Leitores de vários lugares querem saber que fim levou Cabeça de Vaca, o homem que explorou o Mississippi, a Flórida e, por último, andou à procura de Manoa, capital imaginária de um país riquíssimo em plena floresta americana.

Para esses leitores, a quem tanto agradecemos os elogios e as sugestões, damos a seguinte informação:

Cabeça de Vaca foi acompanhado por um enviado especial de O BRASIL EM JORNAL até Assunção, no Paraguai, em março de 1542. Daí por diante, embora nosso repórter enviasse periodicamente notícias de Cabeça de Vaca, as dificuldades de comunicação fizeram com que elas nos chegassem com grande atraso e perdessem a atualidade jornalística.

Hoje, resumimos os despachos que nos chegaram depois de 1542.

Cabeça de Vaca encontrou Assunção em grande desordem. A colônia estava governada por Domingo de Irala, soldado cruel e dominador. Imediatamente ordenou a libertação dos índios escravizados e armou uma expedição em busca de Manoa, a cidade de Deus, que ele imaginava existir ao norte e a noroeste de Assunção. Para isso, subiu o Rio Paraguai, enfrentou grandes dificuldades, no meio da selva. Nada encontrou. No regresso da expedição fracassada, Cabeça de Vaca foi acusado de imprevidente e mandado para a Espanha, em março de 1545. Foi removido do governo da colônia do Rio da Prata, em 1551, e, por sentença, mandado servir na Barbária. Ele obteve a modificação da sentença e, segundo nosso correspondente, foi visto constantemente na côrte a solicitar novas comissões na América. Em 1556 calu doente e sumiu da circulação. Seus amigos nunca mais o viram. O último despacho de nosso correspondente, nesse ano — e que não foi publicado por absoluta falta de espaço — dizia que ele estava à beira da morte. É provável que tenha morrido pouco depois.



ACBAR VAI À CAÇA

As bandalheiras na Índia eram tantas, antes de Acbar, que até cavalos de funcionários do governo desapareciam como por encanto, após as diligências oficiais. Para evitar a continuação do abuso, o jovem rei Acbar (33 anos) determinou que todos os animais a serviço real tenham marcas apropriadas. No flagrante, exclusivo para O BRASIL EM JORNAL, o soberano aparece num desses cavalos à prova de roubo, seguindo para uma caçada.

Cronista social gostava de usar palavra difícil

Devemos aos leitores uma explicação: nosso colunista social de 30 ou 40 anos atrás usou, inadvertidamente, uma terminologia pessoal e ininteligível para os que a lêem hoje. Pouca gente sabe, agora, o que quer dizer «kar» etc. Amanhã, quantos poderão dizer que o sabem? Para evitar isso, eliminamos de nossa coluna o jargão. Quanto ao que não tem remédio, remediado está. Basta que digamos: «kar» significa elegante: «shangay», deselegante; «niver», aniversário. A expressão inglesa «international set» significa «notícia internacional». Sobre «in love», também inglês, parece não haver dificuldades: é amando.

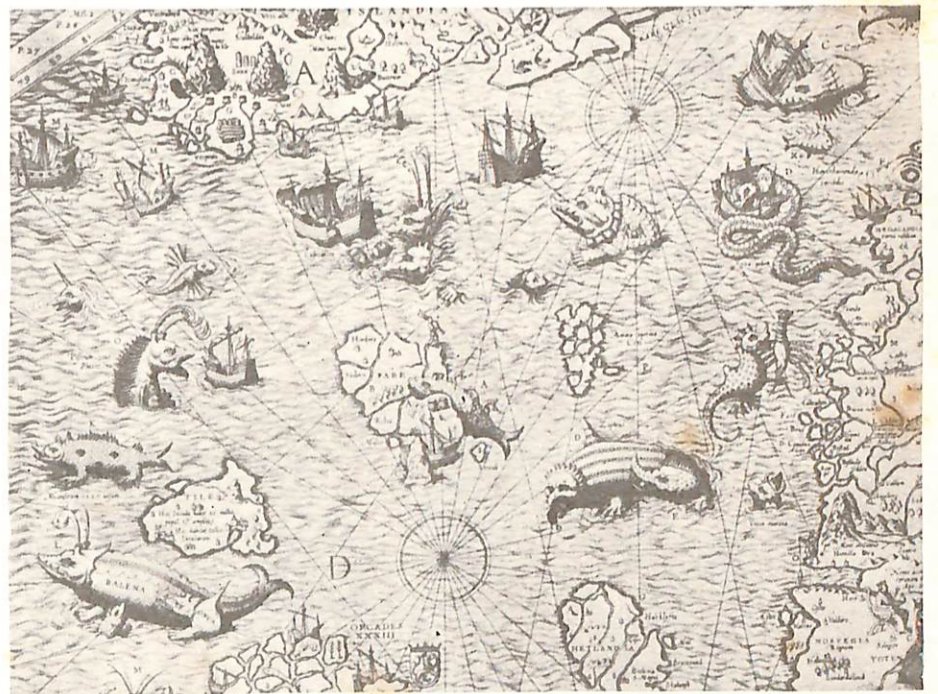
Tais palavras e expressões morreram para O BRASIL EM JORNAL há tempos. Se as exumamos foi para nos penitenciar diante dos leitores, de uma vez por tôdas.

Antes tarde...

No nosso primeiro número, cometemos uma injustiça com o rei D. Manuel de Portugal e um pequeno erro. É verdade que já se passaram quase 60 anos, mas nunca será tarde para repararmos uma e outro. Sob o título «Vera Cruz, Santa Cruz» anunciamos, com despacho de 9 de julho de 1501 — o que é o erro — que D. Manuel, em carta desse dia aos reis católicos mudara o nome dado à terra descoberta por Cabral.

Primeiramente, a data da carta não é essa. Ela foi escrita em 28 de agosto. O lapso corre por conta de nosso correspondente dos anos de 1500 a 1515.

A injustiça talvez seja consequência da pressa com que o repórter quis informar. Na mesma notícia dissemos, como palavras de D. Manuel, que o Brasil era uma ilha. Não é verdade. Vimos agora o original desta carta e constatamos: o rei dos descobrimentos não disse tal. Lá está bastante claro: «terra... conveniente e necessária à navegação da Índia».



O MAR E OS MONSTROS Um livro de Magnus, com cartas de Lafréri, editado em 1572, acaba de chegar em nossas mãos. É um livro de viagens, essencialmente sobre o mar e as rotas marítimas. Por ele ficamos sabendo que o mar — tão bonito quase sempre — é uma enorme morada de monstros. Veja o leitor a gravura que tomamos a liberdade de reproduzir e diga se não concorda conosco. São cobras marinhas, elefantes, rinocerontes, dragões, peixes alados, emplumados, o diabo. A gravura fixa a região entre a Noruega (direita), Islândia (ao alto) e as ilhas Orcadas (em baixo).

Ordem do Rei: "matem todos"

Primeiro morto foi decapitado: Coligny

Paris, 24, Urgente (Sucursal) — Novos detalhes conseguimos apurar a respeito do assassinio do almirante Gaspar de Coligny, cuja morte desencadeou a matança da "Noite de São Bartolomeu".

Testemunha que conseguiu escapar através de um telhado vizinho à casa do Almirante, afirmou-nos que êle foi assassinado em seu quarto de dormir.

— «Já passava de meia noite quando bateram à porta da casa do Almirante, que já estava recolhido ao leito, acordado, conversando com um pastor protestante e com o seu médico, Ambroise Paré.»

Falavam em nome do Rei. Um dos gentilhomens da casa foi abrir a porta e caiu imediatamente apunhalado. Com o barulho, levantou-se Coligny, dizendo para o pastor:

— «Reze por mim» — acrescentando mais baixo:

— «Eu envio minha alma ao Salvador.»

Prossegue o nosso informante dizendo que, ao ver o seu companheiro morrer, entrou no quarto do Almirante e lhe disse:

— «Senhor, é Deus quem nos chama.»

Não se alterou Coligny e exclamou, sem demonstrar na voz ou nos gestos o menor temor:

— «Há muito tempo que eu estou disposto a morrer.»

Em seguida mandou que todos os seus procurassem fugir e ficou só no quarto. O que se passou então ouvimos da própria boca do autor do assassinio, o senhor de Besme, um alemão a serviço dos Guise. Disse-nos êle:

— «Com os suíços que me acompanhavam, invadi o quarto do Almirante e vi, à minha frente, um homem de idade a quem perguntei:

— «É você o Almirante?»

— «Sim — respondeu-me êle, acrescentando depois de um pequeno silêncio em que nos fitávamos mutuamente:

— «Jovem, deverias levar em consideração a minha velhice e a minha enfermidade. Mas tu não abreviarás nada. É lamentável apenas que sejas tu, um grosseirão, e não um gentilhomen, o autor de minha morte.»

«Reagi imediatamente ao insulto torpe e, sem nada mais dizer, enfiei-lhe a espada no corpo. Como se eu tivesse dado um sinal, todos os que se encontravam comigo fizeram o mesmo com suas espadas e o Almirante caiu sem nada mais dizer.

«Logo a seguir ouvi uma voz que me chamava impaciente, perguntando-me se tudo estava acabado.

«Era o duque de Guise que esperava lá embaixo, no jardim. Cheguei à janela e respondi-lhe que nada mais havia a fazer. Então o duque ordenou-me que atirasse o corpo, o que fiz sem mais delongas.»

O que aconteceu depois já é do domínio público e foi visto por dezenas de pessoas que acompanhavam o duque de Guise e seu auxiliar Besme à caçada da rainha:

O senhor de Besme abaixou-se, levantou o corpo, balanceou no ar e o atirou pela janela. No jardim, o corpo do Almirante foi sequestrado. Os soldados lançaram-se sobre o cadáver que foi estripado, decapitado, arrastado na lama, lançado ao Sena e depois retirado.

Pouco depois aproximou-se do cadáver o duque de Guise, limpou-lhe o rosto sujo de sangue e de lama com o seu próprio lenço. Depois de se certificar que Coligny estava realmente morto, afastou-se sem qualquer comentário.

O cadáver decapitado do Almirante foi arrastado pelas ruas e levado para Montfaucon, onde foi dependurado pelo pé, na forca.

MARGOT, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA:

"Caí pensando que ia morrer"

Paris, 26 de agosto de 1572 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — Ouvindo os tiros que ainda ecoam pela cidade, na caçada que continua, conseguimos entrevistar, no Louvre, com exclusividade, a rainha de Navarra.

Margarida de Valois, irmã do rei e mulher de Henrique de Navarra, recebeu o repórter em seu quarto de dormir, levantando ela própria o reposteiro de veludo violeta com flores de lis de ouro que separa o quarto da antecâmara, onde o repórter fôra introduzido graças aos bons ofícios da aia e confidente da rainha.

OS TEMORES DA IRMÃ

Sentada em sua cama ainda desfeita, vestindo um toucador branco que lhe deixava à mostra os braços bem torneados, disse-nos Margarida:

— «A noite, ao entrar no quarto de minha mãe (Catarina de Médicis), vi minha irmã de Lorena com a fisionomia muito triste. Sentei-me ao seu lado mas minha mãe, notando minha presença, disse que eu fôsse dormir. Levantei-me imediatamente e, ao fazer uma reverência para me retirar, minha irmã, chorando, disse-me:

— «Por Deus, minha irmã, não vá.»

Assustei-me, mas minha mãe, irritada, proibiu minha irmã de me dizer mais alguma coisa. Minha irmã respondeu que não era justo que eu saísse, pois, se me descobrissem, poderiam vingar-se de mim. Minha mãe não lhe deu ouvidos e ordenou-me com rudeza que eu fôsse dormir.»

NINGUÉM DORMIU

— «Minha irmã, chorando, despediu-se de mim e eu fui, teme-

Paris, 24 de agosto de 1572, Urgente (Sucursal) — A morte do almirante Gaspar de Coligny, na noite terrível que já se começa a chamar de São Bartolomeu, deu início a um verdadeiro e indiscriminado massacre da população huguenote desta capital, para onde tinham vindo centenas de protestantes, atraídos pelas festas do casamento de Margarida de Valois, irmã do rei, com Henrique de Navarra.

Os mortos se espalham, insepultos, pelas ruas. Cadáveres mutilados descem o Sena. Bandos armados, gritando «morte aos huguenotes», percorrem a cidade, espalhando a morte e o terror. Mata-se nas ruas e nas casas. E das janelas, cidadãos armados de arcabuzes alvejam os transeuntes.

Paris está conflagrada e a matança se estendeu pelas províncias, ceifando a vida de centenas de huguenotes anônimos e de vários chefes eminentes. Circulos ligados à Corte temem a deflagração da guerra civil.

QUE SE MATEM TODOS

Paris, 24, Urgente — Fala-se que a morte de Coligny foi premeditada, pois o almirante incorrera nas iras da rainha-mãe, Catarina, ao tentar levar o rei a declarar guerra à Espanha. Além disso chefiava o poderoso Partido Huguenote, que disputava, com o Partido Católico, dos Guise e da rainha-mãe, a supremacia política.

Conseguindo sair com vida de dois atentados — o último no dia 22, quando foi arcabuzado por Maurevert — o almirante não escapou ao terceiro e último, desta madrugada.

Em Paris, agora conflagrada, há vários dias corriam boatos inquietadores. No dia 23, por exemplo, circularam notícias de que os huguenotes, ressentidos com o atentado ao seu chefe, no dia anterior, iam atacar o Louvre e massacrar a família real.

dormir. Assustada, pois não sabia se era um amigo ou inimigo, gritou e procurei correr.

SALVOU O FIDALGO

O fidalgo, que era M. de Trejan, a quem eu não conhecia, agarrou-se a mim e também gritou. Felizmente, quis Deus que aparecesse o senhor de Nancey, capitão dos guardas, que, embora se compadecendo de mim, por me ver naquele estado, quase nua, não pôde deixar de rir.

Nancey afugentou os perseguidores de M. de Trejan e concedeu-me a vida daquele pobre homem, a quem eu fiz levar para o gabinete de meu quarto de dormir — aquele cuja porta o senhor pode ver daqui — e de quem tratei até que pudesse ir-se.

NOVOS SUSTOS

Prossegue a rainha Margarida: — «Depois que mudei a camisola de dormir, tôda suja de sangue, contou-me o capitão o que se passara até então, informando-me ainda que meu marido estava no quarto do rei e que nada lhe tinha acontecido.

Depois, fazendo-me vestir um roupão, levou-me para o quarto de minha irmã, aonde cheguei mais morta do que viva.

Logo ao entrar na antecâmara, encontrei um fidalgo desconhecido fugindo dos arqueiros que o perseguiam. Ele foi ferido a três passos de mim e eu caí quase desfalecida nos braços do senhor de Nancey, pensando que os últimos golpes tivessem nos atingido aos dois.

Podemos informar com absoluta segurança que nesse dia a guarda palaciana foi dobrada e que a rainha Catarina e o duque Henrique de Guise procuraram o rei Carlos IX e disseram-lhe que o seu dever era o de abater cinco ou seis cabeças de chefes huguenotes. O rei ofereceu resistência mas, depois de duas horas de conferência com sua mãe e com o cunhado, acabou vencido e disse exaltado:

— «Então que se matem todos, para que não fique nenhum para me censurar ou acusar.»

MORRERAM DORMINDO

Paris, 24, Urgente — Confirmando despacho anterior, informamos que muitos dos chefes huguenotes mortos foram surpreendidos dormindo em seu próprio leito.

Entre os mortos estão La Rochefoucault, Teligny — genro do Almirante e que conseguiu escapar a primeira vez, sendo porém recapturado e morto — o barão Soubise, o marquês de Renel, Quercy — que se defendeu bravamente de espada na mão — e vários outros cujos corpos foram arrastados pelas ruas como animais mortos.

HENRIQUE VIVO

Paris, 24 (Urgente) — Informamos com absoluta segurança que o rei Henrique de Navarra, marido da princesa Margarida, está vivo. Ele passou grande parte da noite no quarto do rei Carlos IX e nada lhe aconteceu.

Afirma-se que, para salvar a vida, Henrique teve de abjurar a sua religião, concordando em ser, doravante, católico.

Embaixador nega a premeditação

Paris, 26 (Exclusivo para O BRASIL EM JORNAL) — «O sangue e a morte correm de tal maneira pelas ruas, que Suas Majestades, apesar de serem os reis de França, não puderam conter o medo, ficando trancados no Louvre — afirmou, em entrevista exclusiva a O BRASIL EM JORNAL o embaixador da Espanha na França.

O embaixador falou ao repórter em sua própria casa e a entrevista era interrompida a cada instante por emissários que entravam trazendo novos informes sobre a situação.

Perguntado sobre se acreditava ter sido o «São Bartolomeu» uma matança premeditada, afirmou o embaixador:

— «A morte do Almirante foi um fato refletido, a dos huguenotes, o fruto de uma resolução repentina.»

NÚNCIO DUVIDA

Paris, 26 (Especial para O BRASIL EM JORNAL) — Podemos informar com a maior segurança que o Núncio Apostólico Solviatti escreveu hoje uma carta ao Secretário de Estado do Papa, no Vaticano.

Afirmou, na carta, o embaixador papal:

— «Se o Almirante foi morto por um tiro de arcabuz, eu não estou inclinado a acreditar que houve uma tão grande carnificina.»

AGRADECIDA A PROVIDENCIA

Madri, 27 (Sucursal) — O rei Filipe II recebeu hoje uma carta da rainha Catarina de Médicis, da França.

Na carta, que é longa, afirma a rainha que está muito grata a Deus por ter dado ao rei (Carlos IX) seu filho «a enérgica resolução de se desfazer de seus súditos rebeldes à Providência e ao mestre soberano.»

O rei leu a carta e ficou tão alegre que chegou a fazer o que raramente faz: rir. A seguir, comentando a carta da rainha Catarina, êle elogiou o filho «por ter uma tal mãe» e a mãe «por ter um tal filho.»

A carta da rainha Catarina termina em tom humilde:

— «Sou assim tão má cristã, como pretendia, dom Frances Alava?»